

# Dinamismo lexical nas redes sociais: contribuições para a Lexicografia

## Lexical dynamism in social networks: Contributions to Lexicography

Fábio Henrique de Carvalho Bertonha<sup>1</sup>

bertonha.tradutor@hotmail.com

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Claudia Zavaglia<sup>1</sup>

zavaglia@ibilce.unesp.br

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

**RESUMO** – Este artigo propõe uma reflexão sobre o dinamismo lexical (interno e externo), incluindo as redes sociais, a fim de discutir suas contribuições para a Lexicografia, visto que o léxico de um sistema linguístico encontra suporte na sua constante evolução. Para tanto, parte-se de pressupostos teóricos da Lexicografia e da Semântica, bem como de contribuições oriundas da Pragmática e da Terminografia para fundamentar as discussões com base em alguns itens lexicais encontrados nos mais atualizados dicionários da língua portuguesa do Brasil, tais como, Ferreira (2010) e Houaiss (2009), da língua italiana, como o Zingarelli (2016) e da língua inglesa, como o Oxford (2015, 2016). Procura-se discutir sobre novas entradas e novas acepções verificadas nessas obras lexicográficas, influenciados pela mídia e pelas redes sociais. Analisa-se sua integração ao sistema linguístico brasileiro, italiano e inglês por meio de exemplos de algumas lexias, cuja tendência é o aumento do fluxo lexical. Conclui-se que o avanço das tecnologias contribui para o aumento exponencial do léxico por meio das redes sociais que conectam, ao mesmo tempo, um grande número de usuários nativos e estrangeiros em um mesmo ambiente. A Lexicografia poderia atentar à recente realidade tecnológica a fim de dicionarizar esses itens lexicais na mesma rapidez com que são criados e veiculados; obviamente, sempre mediante critérios de inclusão justificadas teoricamente.

**Palavras-chave:** léxico, lexicografia, dinamismo lexical, redes sociais.

**ABSTRACT** – This paper proposes a reflection on the (internal and external) lexical dynamism, including social networks, in order to discuss its contributions to Lexicography, as the lexicon of a language system is supported by its constant evolution. To meet this purpose, theoretical postulations from Lexicography and Semantics are introduced, as well as contributions from Pragmatics and Terminography. These are used to support discussions based on some lexical items found in the most updated dictionaries of Brazilian Portuguese language, such as Ferreira (2010) and Houaiss (2009); of Italian language, as Zingarelli (2016); and of English language, as Oxford (2015, 2016). New entries and new meanings found in these lexicographical works are discussed in terms of the influence of media and social networks. Their inclusion into the Brazilian, Italian and English linguistic systems are analyzed through examples of some lexemes, whose tendency is the increase of the lexical flow. The advance of technology was found to contribute to the exponential increase of the lexicon, particularly through social networks, which connect, at the same time, a wide range of native speakers and foreign users to the same environment. Lexicography could consider this recent technological reality in order to register these lexical items in the dictionary as they are created and disseminated; obviously, they would be subjected to inclusion criteria justified theoretically.

**Keywords:** lexicon, lexical dynamism, social networks.

### Primeiras considerações

Em pleno século XXI, a tecnologia tornou a vida cotidiana mais prática sob vários aspectos, por exemplo, com um clique, qualquer pessoa tem acesso a uma gama de informações de forma imediata e instantânea. Assim, neste artigo, percorre-se o léxico das línguas portuguesa

(variante brasileira), italiana e inglesa em virtude de se abordar o modo de funcionamento de algumas de suas unidades constituintes, ressaltando que elas podem sofrer alterações, uma vez que se verificam transformações tecnológicas na sociedade. Nesse ambiente, no qual ocorre rápida e coletiva troca de informações, reflete-se quanto à relação léxico e dicionário mediante a circulação de

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Campus de São José do Rio Preto, Rua Cristóvão Colombo, 2265, Jardim Nazareth, 15054-000, São José do Rio Preto, SP, Brasil.

itens lexicais e o registro desses vocábulos na mídia e nas redes sociais.

Discorre-se sobre mudanças percebidas nas edições de 2009 e de 2010 de duas obras lexicográficas reconhecidas como importantes para os consulentes brasileiros, respectivamente, os dicionários Houaiss e Ferreira. Objetiva-se tratar de algumas alterações ocorridas nesses produtos lexicográficos, bem como discutir sobre o léxico proveniente da mídia e/ou das redes sociais. Além disso, também deseja-se refletir sobre a instabilidade e a estabilidade lexical na língua inglesa – a partir do *Oxford English Dictionary* (versão *on-line* 2016 e impressa 2015) – e na língua italiana, pelo *Dizionario Zingarelli* (versão impressa 2016), cuja pretensão encontra suporte em reflexões e em tendências concernentes ao dinamismo dessas línguas.

### Neologismo: fruto do dinamismo lexical

Ao se nomear um referente, ocorre, ao mesmo tempo, sua categorização, quer dizer, no percurso do ‘nascimento’ de uma palavra, um primeiro momento serve para a nomeação da realidade social do ser humano, que serve para identificar semelhanças e distinguir diferenças que irão particularizar esse referente, num segundo momento, e levá-lo a um processo de lexicalização, uma vez que “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras” (Biderman, 1998, p. 91-92).

Diante de novos eventos sócio-histórico-culturais, a língua retrata como a humanidade segue caminhando, novas experiências são registradas por meio de novas palavras e esses neologismos não se limitam a uma única categoria, a um único povo, mas alcançam até mesmo o mundo virtual, sendo que cada vez mais as redes sociais promovem sua expansão. Sob a ótica de Santos (2013),

a língua, em sua dinâmica e variação constante, possibilita que o léxico aumente seu número de palavras a todo o tempo. Porém, esse aumento é devido às necessidades socioculturais dos falantes, que, acompanhando as transformações da sociedade, imprimem na fala e na escrita novas unidades lexicais na língua (Santos, 2013, p. 85).

Em se tratando de um ambiente virtual – canal de comunicação rápida, geralmente, entre indivíduos que sejam afins –, nota-se que a variedade de língua utilizada mostra uma tendência para não seguir a normatização da língua escrita culta. Com isso, percebe-se que o léxico se estrutura, reestrutura-se, renova-se a partir da formação ou da diferente roupagem ou ressignificação dos (novos) itens lexicais.

Conforme comenta Souza (2015), essas novas ‘palavras’ representam o dinamismo lexical, pois

o neologismo é um dos resultados das possibilidades de renovação da estrutura da língua. As classes abertas (substantivos, adjetivos, verbos e advérbios) podem sofrer alterações por parte dos falantes. Estes podem modificá-las (foneticamente, semanticamente ou morfológicamente – no caso de adaptações de empréstimos linguísticos e estrangeirismos), uni-las ou separá-las (por meio da justaposição, composição, aglutinação, derivação, sufixação, prefixação, gramaticalização entre outros processos) e, principalmente, por meio da lexicalização (Souza, 2015, p. 104).

Esse surgimento de novos itens lexicais pode ocorrer a partir de outros já existentes ou mesmo daqueles advindos de outras línguas; assim, após sua lexicalização, poderá ou não se realizar o processo de dicionarização e, somente então, passar a compor a nomenclatura de uma obra lexicográfica. No entanto, devemos ressaltar que, a partir do momento que um neologismo é dicionarizado, ele perde a sua natureza de ‘novo’, passando, desse modo, a fazer parte do acervo lexical daquela língua.

### Item lexical<sup>2</sup>: o significado via abordagem semântico-discursiva

Ao se propor pesquisar o léxico de uma dada língua, o olhar lexicográfico, muitas vezes, irá priorizar um recorte linguístico sob um determinado enfoque teórico. Dessa forma, a depender do embasamento teórico adotado pelo pesquisador, haverá tratamento diferente quanto ao léxico, pois, por um viés lexicográfico, as palavras serão entendidas como unidades lexicais, já por um viés terminológico, serão consideradas como termos, ou por um viés morfológico, serão identificadas por classes de palavras e assim por diante.

De outra maneira, as palavras também podem ser pensadas quanto à sua funcionalidade, sendo que os itens lexicais considerados como palavras lexicais (vocábulos que têm significado pleno) se apresentam em oposição a palavras gramaticais (aquelas que não têm sentido por si só, pois apontam apenas para dentro da língua, propiciando conexões linguísticas). Essa oposição advém de um fenômeno unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (Martelotta e Alonso, 2012, p. 99-102).

Ao pensarmos em pressupostos epistemológicos (conjunto de conhecimentos que tem como alvo o saber científico, almejando explicar seus condicionamentos e sistematizando suas relações), evidencia-se uma forte

<sup>2</sup> Neste artigo, utiliza-se de forma intercambiável os termos ‘lexia’ e ‘item lexical’, pois se entende que se trata de itens sinônimos uma vez que dizem respeito à forma que um lexema assume no discurso.

relação entre cognição e experiência de mundo, em outras palavras, uma relação sócio-histórica culturalmente marcada. Assim, conforme Martins (2004, p. 442), a linguagem humana pode ser entendida sob a ótica de três pontos de vista: (i) realista (identificação de parcelas da realidade); (ii) mentalista (representação de fatos mentais que possam ser compartilhados por indivíduos de uma mesma comunidade linguística) e (iii) pragmática (vivência nas práticas sociais de uma comunidade marcada por relações extralinguísticas).

Observa-se uma relação mútua entre os estudos do léxico e a semântica, sendo que, a partir desta última, lexicólogos e semanticistas enfrentam a correspondência entre mundo e linguagem para melhor retratá-la (Oliveira, 2012, p. 50-51). Nessa busca por uma melhor compreensão lexical, para se descrever o ‘significado’, recorre-se à Semântica, uma vez que ela procura definir o ‘sentido’ conforme a abordagem teórica estabelecida. Hoje, não somente existe uma resposta para tratar o significado, nem mesmo uma metodologia única para descrevê-lo, por isso a linguagem deve ser considerada levando-se em conta diferentes abordagens (Oliveira, 2012, p. 23-25).

Ainda deve-se levar em consideração que as verdades linguísticas sempre se entrelaçam via léxico, por isso a Análise do Discurso se interessa pelo ‘lugar’ discursivo ocupado, o qual estabelece aquilo que pode ser dito ou não pelo sujeito, uma vez que é o processo de sequência de enunciados que conduzirá ao entendimento do discurso. Desse modo, a manifestação da cultura e da ideologia de um povo é nitidamente percebida nas práticas sociais, nas quais o sujeito não é livre para dizer aquilo que queira, mas lhe é permitido dizer aquilo que deseja conforme a situação contextual vivenciada, isto é, o local social do qual o sujeito enuncia (Mussalin, 2012, p. 122).

Conforme ocorre a inserção do léxico nas práticas sociais, sobretudo, quanto à escrita nas redes e na mídia, por vezes, nas relações dialógicas, várias são as ressignificações ocorridas nos itens lexicais. Por exemplo, no *Facebook* (meio de comunicação amplamente utilizado e, virtualmente, um ponto de encontro), um ‘curtir’ (na versão em inglês, *like*) pode ser interpretado como algo positivo (satisfação de um interlocutor a respeito de uma determinada postagem: comemorações, compartilhamento de informações, comentários, etc.); porém, quando são divulgadas notícias de caráter negativo nessa mesma rede social (falecimentos, acidentes, racismo, etc.), que claramente não remetem a situações de alegria ou de felicidade, mas que exteriorizam a anuência por parte de um determinado interlocutor, verifica-se o surgimento de ressignificações para ‘curtir’ nesses atos comunicativos (Corrêa, 2006, p. 284-285).

Levando em consideração o ambiente virtual que envolve os usuários no *Facebook*, percebemos diversas manifestações da língua portuguesa (da formalidade à informalidade extrema). Desse ‘lugar’ discursivo ocupado

por seus membros, há uma ampla manifestação neológica lexical, permitindo-nos refletir sobre nosso acervo léxico que sofre influência espaço-temporal, que nos leva, portanto, a tomar como base as perspectivas linguística e extralinguística.

Entendemos que os neologismos comprovam a produtividade da língua e retratam a sociedade sincronicamente, logo, o *Facebook* confirma ser conveniente e pertinente para que possamos analisar, em termos linguísticos, as mudanças ocorridas por meio dos neologismos que ratificam essa perspectiva, como veremos mais adiante.

### A intrínseca relação entre léxico e dicionário

Na primeira metade do século XX, vislumbram-se interesses mais objetivos quanto ao fazer lexicográfico uma vez que, até então, não era realizada uma análise que fosse pertinente ao produto lexicográfico. Portanto, não havia trabalhos justificando as soluções adotadas por aqueles pesquisadores que se dedicavam profundamente ao léxico a fim de elucidar as questões críticas desse fazer.

De acordo com Lara (2004, p. 135), apenas a partir das décadas de 1960 e de 1970, com os trabalhos de Josette Rey-Debove, Alain Rey e Bernard Quemada (acerca de tipologia, descrição, análise e crítica lexicográficas) “é que o dicionário começou a merecer atenção que fosse além do método e o submetesse a um questionamento linguístico” de maneira tal que devesse ser visto em sua realidade, como produto linguístico, como um fenômeno verbal complexo e não somente como resultado da aplicação dos métodos lexicográficos.

Em meados da década de 1970, Rey-Debove (1984, p. 50), com um olhar mais funcionalista, conceituou o léxico como um conjunto de unidades (morfemas) submetido às regras da língua padrão, havendo uma junção gramatical com o léxico necessária à codificação ou à decodificação das frases de uma língua; além disso, passou-se a considerar que o léxico também é o conjunto dos itens lexicais (substantivos, adjetivos, verbos) e gramaticais (preposições, pronomes). Segundo Vilela (1979, p. 133), o léxico era entendido como a representação de um sistema de possibilidades que abrangia as palavras documentadas e aquelas possíveis de serem constituídas a partir de suas bases de formação. Já Biderman (1981, p. 132), considerava-o como o tesouro vocabular de uma língua, tendo sua nomenclatura composta por conceitos linguísticos e não linguísticos usados pelo homem atual e do passado. Mais tarde, Biderman (1996, p. 27) retoma seu conceito de léxico e estabelece que “é o lugar de estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana”. Já na primeira década do século XXI, Borba (2003, p. 81) diz que léxico é aquilo que faz a conexão entre a abstração da língua e a realidade em si, de modo que “o léxico fisionomiza a cultura”.

Esse léxico pode ser (e é) sistematizado e armazenado nos repertórios lexicográficos, os dicionários. A sua organização dependerá de vários fatores, dentre eles o seu direcionamento: se monolíngue ou bilíngue, se geral, especializado ou especial, se semasiológico ou onomasiológico; seu usuário; sua função; seus paradigmas informacionais e assim por diante.

Observamos, claramente, que o léxico é influenciado pelo dinamismo da língua, isto é, o velho e o novo se encontram, um uso geral e um uso específico se confrontam, entre outras das relações possíveis proporcionadas na busca ao dicionário. Logo, a instabilidade advém dessa renovação lexical. Por outro lado, a memória do léxico testemunha sua estabilidade graças ao compartilhamento semântico dos itens lexicais de cada comunidade linguística, pois as unidades léxicas são depositadas na memória “como parte da língua que cada um recebe de sua comunidade linguística” (Lara, 2006, p. 143). Palavras lembradas são palavras dicionarizadas, ou seja, a frequência de uso serve para atestar seu registro no dicionário; portanto, somando-se a frequência de uso à memória coletiva, tem-se como resultado unidades lexicais dicionarizadas.

Apresentando um caráter de obra inacabada, apesar de haver um constante movimento de neologismos formais e semânticos, o dicionário almeja preencher as lacunas da nomenclatura sistematicamente sob diversos aspectos. Como exemplos contemporâneos de alimentação vocabular em nomenclatura de repertório lexicográfico, temos ‘mensalão’, lexia ainda não dicionarizada no Houaiss (2009), mas que faz parte da macroestrutura do Ferreira (2010), cuja definição é “[De *mensal* + *-ão*].” Substantivo masculino. 1. Esquema de propina, ou propina paga mensalmente a políticos que votem a favor dos governistas, ou que os favoreçam.”. Nessa mesma esteira, há os itens lexicais ‘tuitar’: “[Do ingl. *twitt(er)* + *-ar*].” Verbo intransitivo. 1. Postar no *twitter* comentários, informações, fotos, etc. ger. de caráter pessoal ou institucional. 2. Acompanhar os fatos, ideias, informações, etc. registrados por alguém em seu *twitter*. [Conjug.: v. *ajuizar*.]” e ‘bullyng’: “[ÈbUlijIN] [Ingl.] Substantivo masculino. 1. Em estabelecimentos escolares, etc., provocação, intimidação, ou agressão, física ou verbal, feita por indivíduo mais desinibido, mais velho, mais forte, etc., a outro mais tímido, mais novo, mais fraco, etc.”, dicionarizados<sup>3</sup> em Ferreira (2010), mas não em Houaiss (2009), além de vários outros (Gomes, 2010).

Já ressaltava Borba (2003, p. 309), “um dicionário de língua, como produto cultural e instrumento pedagógico, resulta de um olhar sobre a estrutura e o funcionamento do sistema linguístico num determinado momento da vida de uma sociedade”, logo, tanto as entradas selecionadas quanto as definições servem como exemplo da relação entre dicionário e cultura porque as definições descrevem

o modo como a sociedade entende os objetos e seres do mundo em certo período sincrônico; por sua vez, as rubricas ou mais conhecidas como marcas de uso, presentes na microestrutura, podem indicar o nível da linguagem ou a área de especialidade à qual o lexema pertence. De fato,

O dicionário é também e, sobretudo, um produto linguístico; constitui “o resultado de uma infinidade de atos verbais que, na experiência social, desligaram-se de seus atores” para passar a fazer parte do patrimônio cultural coletivo, especialmente o que foi dito inteligentemente no seio dessa sociedade. O conjunto dos usos sociais da língua estão refletidos no dicionário (Biderman, 2003, p. 54).

No fundo, é o dicionário que, ao registrar as palavras, informa, mas também determina ‘qual’ é o repertório léxico das línguas, por isso esse produto lexicográfico torna-se uma espécie de autoridade, exercendo o papel de obra de referência em relação ao que é dito e ao que é consagrado como significados socialmente compartilhados. Resulta daí que o dicionário funciona como uma espécie de cartório de registro das palavras. É ele que, ao registrar a palavra, concede-lhe a ‘certidão de nascimento’ e, desse modo, institucionaliza o conjunto léxico das línguas (Krieger, 2012, p. 44).

### Termo ou palavra? Depende de sua função no contexto

A morfologia trata da estrutura interna das palavras – ressalta-se que há dificuldades para defini-la –, estabelecendo-se critérios para definir as unidades básicas de modo que critérios semânticos e fonológicos se apresentam insuficientes para definir palavra. Muitos gramáticos fazem uso de critérios sintáticos, definindo-a como uma unidade máxima da morfologia que pode ocorrer de modo livre, composta por unidades mínimas (fonemas e traços), ou seja, os morfemas – elementos que carregam significado dentro da palavra (Sandaló, 2012, p. 193-194).

Ainda conforme Sandaló (2012, p. 213-214), conhecer os morfemas faz com que os indivíduos reconheçam palavras nunca antes ouvidas e permite que novas sejam criadas. No entanto, nem sempre os fenômenos morfológicos ocorrem via adição de morfemas (fenômeno concatenativo): por exemplo, na língua portuguesa, apresentam-se como processos não-concatenativos: (i) mistura – criação lexical a partir de palavras já existentes na língua (portunhol, caligrafia); (ii) abreviação – truncamento de uma palavra já existente (biju); (iii) acronímia – palavra nascida a partir de uma sigla (Unesp, Fapesp); (iv) retroformulação – palavra que surge por desafixação (reça, sapata).

Por um lado, é possível identificar ‘concessão de benefícios’, ‘pensão alimentícia’, ‘reconhecimento de tempo de serviço’ como termos da linguagem previdenciária com

<sup>3</sup> Todos esses verbetes foram extraídos *ipsis litteris* de Ferreira (2010).

grande relevância para a sociedade brasileira contemporânea (Müller e Bevilacqua, 2010, p. 239-240); por outro, nota-se que ‘tempo’ é uma lexia pertencente tanto ao léxico de língua geral (sucessão de anos, momento vivido, determinada época, condições meteorológicas) quanto ao léxico especializado: (i) no domínio da linguística (expressão gramatical da noção de presente, pretérito ou futuro); (ii) no domínio esportivo (período que divide partidas); (iii) no domínio da física (coordenada necessária para localização); (iv) no domínio da música (duração do compasso).

Já antes mesmo de se iniciar a constituição de um dicionário, por exemplo, há um planejamento complexo em relação a quais critérios presidem para se considerar o registro de um termo, uma vez que Lexicografia e Terminografia têm dois olhares diferentes para produzir suas obras dicionarísticas. Sendo assim, o dicionário – depositário sócio-histórico-cultural – apresenta nuances de informação no verbete, cujas diferenças semânticas estarão especificadas em suas microestruturas. Na Terminografia, a definição pode ser mais limitada, visto que se restringe a um campo do saber especializado, que pode não fazer parte da língua cotidiana; já na Lexicografia, a definição geralmente é mais abrangente, trata do léxico sob a perspectiva da língua geral cotidiana (Bevilacqua e Finatto, 2006, p. 47-49).

Enfim, o dinamismo lexical faz com que os limites entre língua geral e língua especializada tendam a se dissolver, tornando ainda mais árdua a tarefa de lexicógrafos e terminógrafos. No entanto, o objeto de estudo está muito bem definido para ambas as Ciências do Léxico; logo, enquanto a Terminografia se ocupa do léxico especializado, composto por termos técnico-científicos, a Lexicografia se ocupa do léxico geral da língua, formado por itens lexicais não especializados, ou seja, não pertencentes a nenhum domínio específico.

### Discussão quanto a alguns itens lexicais e seu dinamismo linguístico

Em 2010, a editora Positivo lançou a 5ª edição do dicionário de Ferreira, revista e ampliada, cuja nova versão apresentou o registro de mais de 3 mil palavras consideradas como “as palavras mais frequentes do português escrito no Brasil, no período entre os anos de 1900 e 2000, indicadas por uma marcação sombreada (de azul) na entrada do verbete”, no dicionário impresso. O estudo teve como banco de dados o *corpus* da Unesp de Araraquara, recobrando de 1900 a 2000, cujo acervo apresenta mais de 5 milhões de ocorrências (documentos escritos como jornais, revistas, obras literárias e periódicos em geral). Muito provavelmente, a intenção foi a de que o consulente, ao consultar o dicionário e ao observar que determinada lexia fosse frequente, desse uma especial atenção a ela, a sua grafia, a sua regência, ao seu e ao uso efetivo (Ferreira, 2010, p. XI-XVII).

Várias unidades lexicais usadas na internet foram incorporadas e ampliaram a nomenclatura do dicionário Ferreira (2010), como por exemplo, *pop-up*, ‘blogar’, *spam*, *tablet*, *test drive*, *blue tooth*, *blu-ray disc*, *blu-ray player*, *cookie*, *data-show*, *fotolog* e ‘tuitar’ (conforme visto anteriormente); no entanto, constata-se que nenhuma dessas lexias está registrada no dicionário Houaiss (2009), com exceção de *e-book*. Se por um lado, a perspectiva houaissiana demonstra uma resistência conservadora quanto à dicionarização de determinadas lexias, por outro lado, o dinamismo aureliano as incorpora demonstrando uma maior preocupação em relação às palavras utilizadas no discurso real de uma língua que é viva e contemporânea.

A fim de demonstrar esse dinamismo da língua percebido e registrado em Ferreira (2010), encontram-se itens lexicais oriundos de diversas áreas como informática, biologia, botânica e genética, em uma clara ratificação de que entraram na vida cotidiana dos brasileiros, a saber: *agrobusiness*, *allnews*, ‘bandeide’, *barwoman*, ‘biojoia’, ‘bollywoodiano’, ‘botox’, ‘chocolatra’, ‘chororô’, *ciabatta*, ‘combo’, *donut*, ‘doula’, *ecobag*, ‘ecojoia’, ‘ecotáxi’, ‘Enem’, *flex*, ‘hora-aula’, *hotspot*, *mix*, ‘mochileiro’, *nerd*, ‘odontogeriatría’, *pet shop*, *petit gâteau*, ‘ricardão’, ‘saidinha de banco’, ‘SAMU’, *sex shop*, sendo que *chef*, ‘ecoturismo’, ‘glamorizar’ e ‘pré-sal’ constam como entradas também do Houaiss (2009).

Ainda em relação ao dinamismo externo, Ferreira (2010) e Houaiss (2009) registram ‘esqueite’ e ‘esqueitismo’, sendo que, no Ferreira, ‘esqueite’ inicia sua microestrutura com a seguinte referência “[F. red. do ingl. *skateboard*.]”, como é o caso de várias outras entradas. Com isso, desejamos chamar a atenção para esses exemplos de decalque do inglês, conforme exemplificado pela forma reduzida de *skateboard*.

Por outro lado, observa-se também um dinamismo interno nos verbetes dos dicionários. De fato, na palavra-entrada ‘ficar’, nas edições mais atuais desses mesmos dicionários, houve alimentação da microestrutura, acrescentando-se uma nova acepção, a saber:

(Ferreira, 2010, entrada ‘ficar’, acepção 19):

ficar

19. Bras. Pop. Beijar e trocar carinhos por um período curto, sem compromisso de namoro:

*Na festa de formatura, João ficou com a sua melhor amiga.*

(Houaiss, 2009, entrada ‘ficar’, acepção 28):

ficar

28. Regionalismo: Brasil. Uso: informal.

Manter relacionamento amoroso durante breve tempo, sem compromisso de estabilidade ou fidelidade.

Ex.: *Ele ficou com duas moças durante a festa.*

Além disso, esse mesmo dinamismo aureliano também se faz presente na alimentação de novas locuções às microestruturas das entradas ‘número’ e ‘incorreto’, cujos acréscimos foram:

(Ferreira, 2010, entrada ‘número’):

número

Número um. 1. O mais importante; o principal: *Paulo é o meu amigo número um*. 2. Forma eufêmica para *xixi*. [Nesta acepção, calque (2) do ingl. *number one*.]

Número dois. Forma eufêmica para *cocô*. [Calque (2) do ingl. *number two*.]

(Ferreira, 2010, entrada ‘incorreto’):

incorreto

[Do lat. *incorrectu*.] adjetivo.

1. Que não está correto, ou não foi corrigido; errado: *texto incorreto*; *total incorreto*. 2. Não correto; deselegante, desonesto, indigno: *indivíduo incorreto*; *procedimento incorreto*.

Politicamente incorreto. 1. Diz-se de atitude, comportamento, discurso, etc., que revela preconceito ou parâmetros de valor tidos como desprestigiantes do ponto de vista social, cultural, econômico, etc. 2. O pensamento, a atitude, o comportamento, o discurso, etc., politicamente incorreto.

Com grande representatividade em outras línguas, o inglês também se apresenta ampliando a nomenclatura dos dicionários acima citados, como podemos comprovar anteriormente, por exemplo, com a entrada *drag queen* (marcada como estrangeirismo nos dois dicionários). Além da indicação de origem, a palavra-entrada *laptop* traz uma informação por analogia para esse termo o qual pertence ao domínio da informática: “[Ingl., lit., ‘sobre o colo’, por analogia com *desktop* (q. v.).]”; assim como *chat*, também do domínio especializado da informática, que traz uma informação anterior às acepções: Ingl., ‘conversa informal’. Ambas as obras lexicográficas brasileiras dicionarizam lexias de origem estrangeira, entretanto, no Houaiss (2009), os lemas de origem estrangeira se apresentam grafados em itálico, enquanto que, no Ferreira (2010), a diferenciação gráfica se faz por meio de uma flechinha direcionada para direita, como na entrada: “→flex”.

Outro ponto a ser observado é que, no século XXI, muito tem sido discutido sobre as questões de gênero; dessa forma, rompendo com uma tradição lexicográfica que prioriza a entrada de substantivos e adjetivos masculinos singulares, esses dois dicionários brasileiros optaram (em suas versões mais recentes) por apresentar diversas lexias que se referem a cargos públicos em sua forma feminina em conformidade com os diversos papéis sociais que a sociedade brasileira testemunha sendo desempenhados por mulheres<sup>4</sup>, tais como ‘ministra’, ‘engenheira’, ‘médica’.

Pelo mesmo princípio de contínua evolução das línguas, o dicionário italiano *Zingarelli* – obra de referência que se encontra entre os produtos lexicográficos italianos mais consultados pelos consulentes compatriotas de Dante Alighieri –, a cada ano, produz uma nova edição; sua versão mais atual (2016<sup>5</sup>) apresenta um acréscimo de cerca de 500 novas palavras a mais que passaram a fazer parte da língua italiana oficial em relação à sua edição de

2015, conta com 144 mil entradas, das quais 3.125 são consideradas *parole da salvare* (“palavras a serem salvas”, por estarem em via de “extinção”), sinalizando o rumo ao qual se direcionam (Zingarelli, 2016, p. 11).

Quanto ao registro da língua italiana, duas são as vias adotadas pelo *Zingarelli*: (i) em relação às lexias que aparecem pela primeira vez muito recentemente (dinamismo externo); (ii) em relação às lexias preexistentes, mas que apresentaram alteração semântica ou um forte retorno ao uso público (dinamismo interno). De maneira que, em ambas as vias, dois são os critérios determinantes para a inclusão dos itens lexicais: quantidade (difusão de determinada lexia no léxico comum) e qualidade – observando se, e em que modo, a lexia é usada nos textos literários, na imprensa, nas publicações especializadas (Accademia Della Crusca, 2016, *on-line*).

Curiosamente, mas não de forma surpreendente, houve a dicionarização, em Treccani (2016, *on-line*) de *whatsapp* (trocar mensagens por meio do aplicativo *Whatsapp*). Esse item lexical se espalhou a partir do uso do aplicativo na Itália, sendo que, do ponto de vista morfológico, é uma adaptação (do nome comercial do aplicativo) difundida como gíria entre os usuários, sobretudo, em contextos extemporâneos, irônica ou jocosamente. É um neologismo muito difundido nas redes sociais, blogs e fóruns, assinalando uma tendência de adaptação à ortografia italiana (Accademia Della Crusca, 2016, *on-line*).

A título de exemplificação, dentre aquelas novas lexias incluídas na última versão italiana, encontram-se: *criptomona* (moeda digital, virtual existente apenas na internet), *svapare* (fumar cigarros eletrônicos, imitando o gesto característico de emitir vapor semelhante ao fumo), além de palavras oriundas de outras línguas como *expat* (pessoa expatriada), *netsuke* (pequenas esculturas japonesas tradicionais feitas em marfim ou em madeira), *run flat* (tipo de pneumático que não se esvazia em caso de furo). Já relacionadas às questões culturais, políticas e sociais, constata-se *sciarpata* (coreografia festiva dos torcedores de um time, que balançam seus lenços com cores e símbolos de times), *pentastellato* (vocábulo que designa um membro oficial do *Movimento 5 Stelle* – partido político italiano fundado em Gênova, em 2009, primeiramente, difundido pelas redes sociais), além de *jihadista* (indivíduo que apoia a *Jihad* – um vocábulo que remete ao terrorismo, muito utilizado pelos noticiários, pelos programas televisivos e no *twitter*).

No *Zingarelli* (2016), promove-se um dinamismo interno a fim de salvar várias lexias que têm sido abandonadas não apenas pela língua falada, mas também pela mídia – TV e jornais –, que preferem usar sinônimos mais fáceis, porém, menos expressivos, como por exemplo:

<sup>4</sup> Informação disponível nos prefácios de Ferreira (2010, p. XVI-XVII) e de Houaiss (2009, p. XIV-XV).

<sup>5</sup> No momento da escrita deste texto.

*obsoleto* (em desuso), *ingente* (de elevado valor), *leccornia* (gula), *perorare* (sustentar uma ideia avidamente), entre outras. A cada ano, as línguas se desenvolvem ou se retraem segundo diversos fatores (variações diatópicas, diafásicas, diastráticas, etc.), logo, as línguas sofrem mudanças que os falantes acabam, por vezes, não percebendo. Quando as pessoas começam a tirar *selfies* e não mais ‘fotos’, dá-se pessoalmente a primeira contribuição para a mudança linguística (não importa se positiva ou negativa), nesse caso, aceitando um empréstimo dos falantes de inglês. Com efeito, os dicionários têm a importante tarefa de registrar esse dinamismo interno e externo do léxico, traçando os limites da evolução da língua. Ressalta-se que, graças à tecnologia que suporta os dicionários *on-line* e eletrônicos, essas plataformas são capazes de acompanhar esses movimentos da língua de modo a promover um registro lexical otimizado maior do que a obra impressa.

Tendo em vista o constante contato de diferentes sistemas linguísticos, os vocábulos advindos de línguas estrangeiras se apresentam a fim de preencher uma lacuna que a língua materna não tenha preenchido, proporcionando uma ocasião de troca e de evolução. Além disso, deve-se notar o surgimento de lexias de origem jovem, moderna e/ou dialetal; por exemplo, no sul da Itália, uma das novas lexias encontradas no Zingarelli (2016) é *babbiare* (“caçoar de alguém”), adquirindo estatuto de palavra-entrada graças ao escritor siciliano *Andrea Camilleri*, por meio de sua famosa personagem, o investigador *Salvo Montalbano* (popular nas redes sociais), um caso que denota uma evolução da língua também em direção do falado e do popular.

Aliás, a dicionarização das lexias mais contemporâneas reconstrói os mais acesos debates sociais e políticos, especialmente do último ano, em virtude das temáticas envolvendo adoções por homossexuais e fecundação *in vitro* levadas avante pelas palavras *cogenitore*<sup>6</sup>, *madre surrogata*<sup>7</sup>, *adozione mite*<sup>8</sup>, (também espalhadas pelas redes sociais). Outrora, os neologismos estavam a cargo apenas dos literatos, hoje, advêm cada vez mais da linguagem jornalística, televisiva e da internet, de maneira tal que algumas lexias vêm de invenções linguísticas da política italiana e outras vêm das questões sociais contemporâneas (*femminicidio*<sup>9</sup>, *spending review*<sup>10</sup>, *euro regione*<sup>11</sup>), demonstrando fortemente como a sociedade tende a mudar

em apenas 365 dias – todas elas são palavras-entrada, em Zingarelli (2016), validadas tanto por sua frequência de uso quanto por seu peso qualitativo-cultural.

Haverland e Mey (1977), na leitura de Pinto (2012, p. 55-56), defendem que a “pragmática analisa o uso concreto da linguagem pelos usuários em suas práticas sociais, bem como as condições direcionam essas práticas”, portanto, ela é a ciência do uso linguístico que leva em consideração a fala – anteriormente, descartada por Saussure. Ainda para tratar do pragmatismo americano, Pinto (2012, p. 59-60) cita as ideias de Charles S. Peirce, filósofo cujos trabalhos versavam sobre a tríade pragmática (relação entre signo, objeto e interpretante) a fim de que se levasse em conta o sinal, aquilo a que esse sinal remete e, sobretudo, a quem ele significa. E complementa,

a referência é impenetrável, no sentido de que não se pode determinar “com toda certeza” o alcance da expressão referencial no mundo [...] A inescrutabilidade da referência é a prova cabal de que as discrepâncias entre significações só podem ser teorizadas a partir da sua condição pragmática (Pinto, 2012, p. 62).

Em se tratando de língua inglesa, um de seus importantes dicionários é o *Oxford English Dictionary* (doravante *Oxford*), cuja atualização é realizada quatro vezes ao ano (em março, junho, setembro e dezembro) em sua versão *on-line* para posterior alimentação e ampliação de sua versão impressa. Assim, o material linguístico adicionado inclui versões revisadas de entradas já existentes, novas lexias e novas acepções, mantendo sua ordem alfabética das entradas revisadas de A a Z (Oxford, 2016, *on-line*).

Um inescapável fator da vida moderna é o nosso aumento de confiança nos computadores e nas comunicações digitais dos quais provêm uma abundância de siglas associadas com a mídia social, e-mails, mensagens e outros meios de comunicação eletrônica. O uso contínuo de mensagens curtas *on-line* via *Twitter* ou *Whatsapp* certamente tem contribuído para aumentar a formação de novos acrônimos e novas siglas como *IDK* (*I don't know* – em português, ‘eu não sei’), *ROFL* (*Rolling On Floor Laughing* – em português, ‘rolando de rir no chão’), cuja tendência parece se manter.

Já no dicionário impresso (Oxford, 2015), destacam-se como novas as entradas: *dudette*<sup>12</sup>, *folktronica*<sup>13</sup>, *Scooby Snack*<sup>14</sup>, *starchitect*. Como exemplo, *starchitect* é

<sup>6</sup> Indivíduos que assumem o papel de pais de uma criança, mas não são casados, nem mantêm relação conjugal semelhante.

<sup>7</sup> Mulher que, não conseguindo engravidar ou manter uma gravidez, torna-se mãe por intervenção de outra mulher que aceita enfrentar uma gestação via inseminação artificial.

<sup>8</sup> Aceitação legal de criança disposta a ser adotada, assegurando-lhe assistência dentro de um núcleo familiar, mas que ainda não foi adotada.

<sup>9</sup> Eliminação física ou moral causada em relação a uma mulher e/ou a seu papel social.

<sup>10</sup> Avaliação e acompanhamento das despesas públicas a fim de rever as prioridades de cada Ministério, em particular, melhorando sua produtividade.

<sup>11</sup> Região constituída a fim de promover os interesses que transcendem fronteiras, cooperando para o bem comum das populações de fronteira.

<sup>12</sup> Homem afeminado.

<sup>13</sup> Estilo de música popular que incorpora elementos dos estilos de música *folk* e eletrônica.

<sup>14</sup> Biscoito de farinha utilizado como recompensa ou incentivo para animais; além disso, é usado como gíria para se referir a vários tipos de drogas ilegais.

uma nova lexia constituída por *bleding* (*star + architect*) usada para designar, pejorativamente, um famoso arquiteto muito reconhecido por sua extravagância e exagero (lexia que começou a circular em sites especializados até chegar ao *Facebook*, ambiente que potencializou seu uso) –, segundo Sandalo (2012, p. 214); em português, esse é um processo não-concatenativo conhecido por ‘mistura’. Esses itens lexicais recém-adicionados refletem a influência crescente de mensagens de texto por meio do surgimento de novas tecnologias, sendo que muitos surgem provenientes do ciberespaço vivenciado na web. Particularmente, na língua inglesa, há um grande número de vocábulos que têm suas raízes nas gírias americana, britânica e australiana; no entanto, diversas novas lexias também foram adicionadas a partir de suas origens nas artes (*afrofuturism*<sup>15</sup> e *Hitchcockian*<sup>16</sup>).

O entendimento cada vez mais complexo sobre identidade pessoal (especialmente, sexual e de gênero) desenvolveu-se no final do século XX e ainda está em desenvolvimento hoje, sendo refletida nas entradas *agender* (que designa as pessoas que não se identificam como pertencentes a um determinado sexo) e *self-identify* (nova acepção para *identify*). Além disso, as causas das alterações climáticas são, lexicograficamente, abordadas em um novo sentido para *emissions* (referindo-se aos gases de efeito estufa e outros poluentes produzidos pela atividade humana, mas ressaltando tentativas de reduzi-las, por exemplo, por meio do aproveitamento de fontes renováveis de energia), encontrando-se como nova acepção *emissions trading* (comércio de emissões). Ainda em relação ao *Oxford* (2016, *on-line*), também foram registradas novas acepções concernentes a alguns aspectos mais pessoais e desanimadores da vida no século XXI como *erectile dysfunction* (disfunção erétil), *diabetic coma* (coma diabético), *self-harm* (automutilação) e também como nova entrada *assisted dying* (morte assistida).

### E o léxico das redes sociais no português do Brasil? Onde está?

Da mesma forma que nas línguas inglesa e italiana, existe uma vasta produção lexical nas redes sociais para a língua portuguesa, variante brasileira.

Meios como o *Facebook*, o *Twitter*, o *WhatsApp*, o *Instagram*, entre outros, têm feito com que milhões de pessoas se comuniquem diariamente a cada segundo por diferentes e diversas formas: da linguagem formal à informal, da linguagem comum à especializada, das siglas ao léxico facebookiano, ao internetês e assim por diante. Em dias, surge um novo ‘meme’ e se você não estiver por dentro da situação, aquela conversa com seus

amigos poderá se tornar extremamente chata e até mesmo incompreensível. Aliás, ‘meme’, daquilo que conseguimos descobrir, é um termo inventado por Richard Dawkins, em 1976, em seu livro “O Gene Egoísta”,

cujo significado é um composto de informações que podem se multiplicar entre os cérebros ou em determinados locais como, livros. A síntese de seu livro é sobre o meme, considerado uma evolução cultural, capaz de se propagar. O Meme pode ser considerado uma ideia, um conceito, sons ou qualquer outra informação que possa ser transmitida rapidamente. Apenas a título de curiosidade, o estudo deste conceito é chamado de memética (Adami, 2017).

Um meme pode ser uma palavra apenas, uma frase, um vídeo, uma música, uma imagem, uma imagem com uma frase, entre outras possibilidades, que ‘viraliza’, ou seja, se espalha com facilidade e muito rapidamente, alcançando muita popularidade.

O que parece ocorrer no mundo da internet e das mídias sociais hoje é: surge um ‘conceito’ e ‘palavras’ ou ‘termos’ são ‘inventadas’ para vesti-lo. Mas não só: termos de domínios quaisquer estão sendo usados de forma vulgarizada para retratar também esses conceitos que precisam de roupagem. E isso vem sendo feito da mais variada forma. Por exemplo, para não dizer algo a alguém, de forma irônica, primeiro você faz uma afirmação, e em seguida a nega com a seguinte expressão: “Só que não” ou para ser mais veloz: ‘SQN’. Às vezes, nem precisa dizer nada antes, basta algum comentário precedente para se usar a expressão.

Para falar com todos, de forma indiscriminada, sem ofensas, usa-se ‘miga’. ‘Miga’ não tem gênero e possui até variante: ‘Migs’ (Jornal Alô Brasília, 2015). Quando uma conversa ou uma atitude ou algo é inacreditável ou demais, usa-se a frase ‘Tá de brinks?’, ou seja, uma corruptela de ‘brincadeira’. Nesse mesmo sentido, mas com outra nuance ainda, pode-se usar ‘Estou morta’ ou apenas ‘Morta’ ou ainda ‘Morri’. Quer dizer, o verbo ‘morrer’, nessas flexões, adquire o sentido de não se estar acreditando em algo ou em alguém ou mostrando descontentamento com algo.

A rapidez da Internet tem influenciado o léxico também. Da mesma forma que os exemplos acima, ainda existe o emprego do advérbio ‘apenas’, como exemplar de uso de itens lexicais simples em final de frases, que carregam consigo uma imensidão de significado (e de palavras sucessivas) a depender do que foi dito antes. É muito comum no *Facebook*, por exemplo, a pessoa escrever um longo texto na sua *timeline*, e depois finalizá-lo assim: “Era uma criança. Apenas”.

‘Sambar’ e ‘Lacrar’ são outros dois verbos usados no *Facebook* com sentidos similares: “arrasar, dar-se

<sup>15</sup> Movimento na literatura, música, artes, etc., caracterizando temas futuristas de ficção científica que incorporam elementos da cultura e história dos negros.

<sup>16</sup> Característica que se assemelha ao estilo do diretor inglês Sir Alfred Hitchcock, especialmente, por meio do uso de tensão e suspense.



muito bem na internet ou em algo ou com alguém e serve para elogiar alguém em frases como: ‘Lacrou’; ‘Sambou’”.

*Crush*, *spoiler*, e ‘trollar’, respectivamente, ‘paixonite’, ‘estraga prazeres’ e ‘aprontar, enganar alguém’, são outros itens lexicais conhecidos dos usuários das redes sociais e fatalmente desconhecidos daqueles que não fazem parte delas. Esses falantes poderiam se valer dos dicionários para saberem os significados dessas palavras, visto ser essa uma das funções das obras de referência, ou seja, esclarecer o significado de itens lexicais desconhecidos. Entretanto, não é o que se verifica nos dicionários Ferreira (2010) e Houaiss (2009), visto que negligenciam quase a totalidade delas, senão todas.

Embora existam as entradas ‘morrer’, ‘apenas’, ‘sambar’ e ‘lacrar’, as acepções aqui arroladas não fazem parte da microestrutura daqueles dicionários, tampouco os outros itens lexicais citados estão repertoriados nas suas nomenclaturas.

Esse fato não nos causa estranheza; na verdade era um dado já esperado, visto que estamos tratando de edições de 2010<sup>17</sup> e 2009.

### À guisa de conclusão

Neste breve artigo, pretendeu-se levar o leitor a uma constatação e a uma reflexão acerca do dinamismo lexical, particularmente, nas redes sociais graças às novas plataformas tecnológicas, convidando-o a pensar sobre seus impactos e suas tendências. Discutiui-se, inicialmente, sobre circulação e registro dos itens lexicais em produtos lexicográficos já consagrados por suas comunidades linguísticas. Em seguida, foram ressaltadas questões referentes à morfologia, à gramaticalização, às relações extralinguísticas (sociais, políticas, históricas), bem como a questões relativas aos estudos do léxico e da semântica para, então, ao final, refletir quanto ao local social de onde o sujeito enuncia seu item lexical – sempre estabelecendo relações exemplificadas pelo dinamismo das redes.

Evidencia-se, pela vasta informação encontrada na microestrutura, um claro convívio entre palavras e termos, sinalizando um grande movimento do léxico, ou seja, esse dinamismo interno mostra uma evolução – direcionamento – que, primeiramente, apresenta-se em contextos de uso, cuja frequência identificada fará com que o item lexical seja dicionarizado, reafirmando o dinamismo externo.

Na sequência, parcialmente, comentou-se quanto ao panorama histórico do século XX, para se pensar no léxico, de maneira muito ligeira e superficial, apenas para situar o leitor quanto aos trabalhos que contribuíram para as ciências que tratam do léxico, com destaque para a Metalexigrafia, pois discute definições quanto aos conceitos que determinados autores entendem ser o léxico,

bem como sua relação com os movimentos da língua e seu dinamismo no dicionário, claro, não esquecendo do papel desempenhado pela figura do lexicógrafo.

Em pleno século XXI, estimuladas pela mídia e pela informática, sobretudo, pelas redes sociais, a ampliação do léxico ocorre de modo contínuo e acelerado, ao passo que a dicionarização de novas palavras, pelo menos na Lexicografia Brasileira, não segue o mesmo ritmo. Os meios de comunicação, cada vez mais, fazem um exponencial uso do léxico, pois a informação mundial se tornou acessível e compartilhada pela grande maioria das pessoas no planeta, conseqüentemente, o léxico de cada sistema linguístico passou a ser afetado por questões internas e externas a ele.

Em vista disso, a Lexicografia é impactada em todas as partes do globo, tanto pela tecnologia quanto pela comunicação, cujo correlacionamento se mantém em ascensão, sobretudo, pelo uso do léxico oriundo das redes sociais e por aquele oriundo das novas tecnologias que vão surgindo. A discussão segue concernente à dificuldade em se definir ‘palavra’, aos fenômenos que constituem as lexias e, por fim, quanto às diferenças entre língua geral e língua de especialidade. Lembrando que todos os itens lexicais propostos para discussão são provenientes dos dicionários de Ferreira (2010) e de Houaiss (2009) – eletrônicos e em português (Brasil) –, além do dicionário impresso italiano *Zingarelli* (2016) e do *Oxford English Dictionary, on-line* (2016) e impresso (2015). Essas são as versões mais atualizadas a fim de esboçar o dinamismo desses três sistemas linguísticos distintos, bem como suas perspectivas de direcionamento e de registro lexicais.

Contudo, o dicionário não é uma simples descrição (linguística) nem apenas um convite a explorar suas características reais (social). O dicionário deve ser visto como obra e como fenômeno verbal complexo, como um instrumento de memorização de movimentos culturais, sociais e históricos por meio de itens lexicais repletos de significados e conceitos.

Espera-se que este artigo possa ter contribuído para discutir o dinamismo lexical que se faz presente, sobretudo, nas redes sociais, não apenas para comentar um fenômeno que é notório, mas principalmente para estimular uma abordagem por meio de olhares outros de demais áreas do conhecimento a fim de investigar as complexas questões que envolvem o léxico de uma língua. Logo, a qualidade de um dicionário depende, tanto da formação linguística do lexicógrafo como de sua sensibilidade em relação aos fenômenos de significação e de sua capacidade para redigir um texto breve, preciso e elegante. Os lexicógrafos, ao constituírem suas obras lexicográficas, fornecem subsídios identitários a favor da descrição

<sup>17</sup> Tivemos notícia de uma edição do Ferreira de 2015, mas não tivemos acesso a ela nem no momento da revisão do artigo.

sócio-histórico-cultural das sociedades, cuja projeção se dá, justamente, pelo dinamismo do léxico.

Gostaríamos de acreditar que, num futuro próximo, a Lexicografia brasileira terá condições de ser mais dinâmica e que a produtividade lexical vista brevemente neste texto poderá ser retratada tanto na macro quanto na microestrutura de nossos dicionários de língua geral de forma sistemática, refletindo assim, a realidade e o uso atual do léxico das redes sociais da língua portuguesa do Brasil.

## Referências

- ACCADEMIA DELLA CRUSCA. 2016. *Parole nuove*. Disponível em: <http://www.accademiadellacrusca.it/it/lingua-italiana/parole-nuove>. Acesso em: 20/07/2016.
- ADAMI, A. 2017. Memes. *Infoescola*. Disponível em: <http://www.infoescola.com/comunicacao/memes/>. Acesso em: 30/07/2017.
- BEVILACQUA, C.R.; FINATTO, M.J. 2006. Lexicografia e Terminografia: alguns contrapontos fundamentais. *Alfa*, São Paulo, 50(2):43-54.
- BIDERMAN, M.T.C. 1981. A estrutura mental do léxico. In: T.A. QUEIROZ, *Estudos de Filologia Linguística*. São Paulo, EDUSP, p. 131-145.
- BIDERMAN, M.T.C. 1996. Léxico e vocabulário fundamental. *Alfa*, 40(1):27-46.
- BIDERMAN, M.T.C. 1998. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 2(1):81-118. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i2p81-118>
- BIDERMAN, M.T.C. 2003. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. *Alfa*, 47(1):53-69.
- BORBA, F.S. 2003. *Organização de dicionários: uma introdução à Lexicografia*. São Paulo, UNESP, 356 p.
- CORRÊA, M.L.G. 2006. Heterogeneidade da escrita: a novidade da adequação e a experiência do acontecimento. *Filologia e linguística portuguesa*, 2(8):269-286. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i8p269-286>
- FERREIRA, A.B.H. 2010. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.11a*. 3ª ed., Rio de Janeiro, Editora Positivo, 2272 p.
- GOMES, R. 2010. Nova edição do Dicionário Aurélio: novas palavras como 'tuitar' e 'Ricardão'. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/nova-edicao-do-dicionario-aurelio-novas-palavras-como-tuitar-ricardao-2949214>. Acesso em: 30/07/2017.
- HOUAISS, A. 2009. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa versão 1.0*. [s.l.], Editora Objetiva, 1986 p.
- KRIEGER, M.G. 2012. *Dicionário em sala de aula: guia de estudos e exercícios*. Rio de Janeiro, Lexicon, 96 p.
- LARA, L.F. 2004. O dicionário e suas disciplinas. In: A.N. ISQUERDO; M.G. KRIEGER (org.), *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, Editora UFMS, p. 133-152.
- LARA, L.F. 2006. *Curso de lexicologia*. México, El Colegio de México, 248 p.
- MARTELOTTA, M.E.; ALONSO, K.S. 2012. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: E.R. SOUZA (org.), *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo, Contexto, p. 87-106.
- MARTINS, H. 2004. Três caminhos na filosofia da linguagem. In: F. MUSSALIN; A.C. BENTES (org.), *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo, Cortez, p. 439-473.
- MÜLLER, A.F.; BEVILACQUA, C.R. 2010. As fraseologias das Sentenças Jurídicas do Direito Previdenciário. *Calidoscópico*, 8(3):234-240. <https://doi.org/10.4013/cld.2010.83.07>
- MUSSALIN, F. 2012. Análise do Discurso. In: F. MUSSALIN; A.C. BENTES (org.), *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 8ª ed., São Paulo, Cortez, p. 113-165.
- OLIVEIRA, R.P. 2012. Semântica. In: F. MUSSALIN; A.C. BENTES (org.), *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 8ª ed., São Paulo, Cortez, p. 23-54.
- OXFORD ENGLISH DICTIONARY. 2015. *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. 9ª ed., Oxford, Oxford University Press, 1948 p.
- OXFORD ENGLISH DICTIONARY. 2016. Recent updates to the OED. Disponível em: <http://public.oed.com/the-oed-today/recent-updates-to-the-oed/>. Acesso em: 23/07/2016.
- PINTO, J.P. 2012. Pragmática. In: F. MUSSALIN; A.C. BENTES (org.), *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 8ª ed., São Paulo, Cortez, p. 55-79.
- JORNAL ALÔ BRASÍLIA. 2015. Miga, crush, falsiane... As palavras que a internet ensinou em 2015. Disponível em: <http://www.alo.com.br/vida-e-lazer/miga-crush-falsiane-as-palavras-que-a-internet-ensinou-em-2015-37051>. Acesso em: 30/07/2017.
- REY-DEBOVE, J. 1984. Léxico e dicionário. Tradução de Clóvis Barleta de Moraes. *Alfa*, 28(supl.):45-69.
- SANDALO, M.F.S. 2012. Morfologia. In: F. MUSSALIN; A.C. BENTES (org.), *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 9ª ed., São Paulo, Cortez, p. 193-220.
- SANTOS, R.C. 2013. *Neologismos lexicais em gênero textual emergente: análise de textos veiculados no facebook*. Belo Horizonte, MG. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 116 p.
- SOUZA, A.J. 2015. *Lexicalização e neologismo: análise funcional em corpus digital*. João Pessoa, PB. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba, 155 p.
- TRECCANI. 2016. *Vocabolario on line*. Disponível em: [http://www.treccani.it/vocabolario/whatsapp\\_\(Neologismi\)/](http://www.treccani.it/vocabolario/whatsapp_(Neologismi)/). Acesso em: 20/07/2016.
- VILELA, M. 1979. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra, Almedina, 164 p.
- ZINGARELLI, N. 2016. *Vocabolario della Lingua Italiana*. 15ª ed., Bologna, Zanichelli, 2720 p.

Submetido: 26/02/2017

Aceito: 05/08/2017